

# O amor do abismo

Luiz Carlos Lisboa

JORNAL DA TARDE

Por que a reposição de uma tarifa pública atrasada e a correção de uma taxa de câmbio anacrônica foram tidas no final de outubro passado como aviso do abismo hiperinflacionário que finalmente engoliria o País? Que necessidade de punição e fracasso ou que conceito de oposição leva analistas políticos, agentes econômicos e especialistas de mesa de bar, fila de elevador e sala de visitas a essa espécie de anseio pelo pior que faz com que a vítima seja o arauto feliz da sua tragédia? Desde o fracasso do entendimento nacional tentado pelo Executivo como alternativa para conter a crise, nos moldes do que ocorreu na Espanha e no México, que se desconfia do pessimismo quase missionário de grupos, setores e personalidades que por raciocínios e emoções diferentes fizeram a opção pelo caos.

Seu grande argumento, procedente quando usado de forma honesta, é que a crise está aí, a inflação não tem cedido, as soluções não foram encaminhadas, os atuais governantes não levam jeito de resolver as grandes questões que têm em mãos. A falsidade que cabe nessa constatação verdadeira resume-se no antigo e conhecido efeito de piorar as coisas e depois denunciar sua insubstancialidade. O atual governo instalado em Brasília foi acusado de incapaz antes mesmo de se instalar, e toda dificuldade que em seguida surgiu no seu caminho ou foi posta lá ou serviu para confirmar a profecia e engrossar a desaprovação. Dessa vez, e de modo inusitado na história republicana brasileira, o crédito de confiança esgotou-se depressa. Os meses e anos de endosso que foram concedidos a João Batista Figueiredo e a José Sarney foram negados a Fernando Collor por obra e graça de uma oposição que já nasceu negando, em vez de se fazer com o tempo. A derrota eleitoral na eleição em dois turnos foi tomada como ultraje pessoal pelos perdedores, pais de um **shadow cabinet** que só cabe no Parlamentarismo e entre nós mais recorda o **Ministério do Ódio**, de Orwell, do que outra coisa.

O governo do presidente Collor de Mello não estava convencido até há pouco do fracasso do entendimento político que desejou, não porque estivesse em pânico, mas porque a saída negociada é solução hoje clássica para escapar da tríade político-monetária-bamba, taxa-cambial-desatualizada e inflação-reprimida. A intenção do Executivo de enveredar pela via hispano-mexicana foi entendida, tal como freqüentemente tem acontecido na primitiva história política brasileira, como indício de fraqueza, covardia e recuo. Os partidos políticos dificultaram de forma diferente o entendimento, visando obter vantagens de um adversário assustado, ou acreditando que sua agonia e morte chegariam depressa. Não era bem assim. O governo afinal convenceu-se de que o entendimento era impossível, e o caminho teria de ser outro.

O apressamento do programa de privatização das estatais, a primeira parte de um ajuste cambial, a discussão final junto ao FMI de apoio ao programa ortodoxo oficial, o conserto fiscal que depende em parte do Congresso constituem a nova alternativa e indicam a desistência dos rumos tentados anteriormente. E começa a fase das grandes pressões, quando a inflação continua a subir, agora talvez como o foguete que já queimou sua pólvora, mas ainda se beneficia da inércia para fingir que vai para as estrelas. Os salários, já humilhados em governos anteriores, tornam-se ainda mais exíguos nas mãos dos que trabalham, sendo esse fator dinamite nessa química toda. O momento é crítico, porque paira no ar que o Armageddon que se aproxima, que cada homem deve tentar salvar-se como puder, que a solução é fugir para o Exterior, comprar tudo que puder em dólares ou fugir para o mato e deixar esse mundo ingrato explodir.

Quando o professor Mário Henrique Simonsen diz que o Brasil precisa hoje mais de psiquiatras na economia do que de economistas, está falando de uma síndrome que ninguém pode mais ignorar. É verdade que o medo se confunde com o pessimismo, e todos temos tido boas razões para ter medo, mas há alguma coisa mais no pânico produzido e manipulado por especuladores políticos e econômicos. O patamar de subdesenvolvimento em que o Brasil estagnou não é estável, mas regrediu lentamente para estágios muito mais doentios. Seria terrível se o País tivesse agora sob um regime parlamentarista, considerando esse parlamento que temos, seu fisiologismo e **esprit de corps**. Melhor que haja um Executivo capaz de planejar, de escolher opções e de tomar medidas nem sempre populares. O Congresso é incapaz de receitar um remédio amargo ao paciente que é a Nação, com receio de ser demitido como médico pela família do enfermo. O Parlamentarismo é uma idéia generosa que será posta em prática algum dia, quando a crise passar. Agora seria um risco imenso, além da idéia servir a golpistas de plantão, que desta vez são civis.

A sinistrose não é trabalho para psiquiatras, entre nós, porque de fato há muito o que temer nas dificuldades em que estamos. Ela é fruto da imaturidade, numa determinada seção da vida pública e entre segmentos da população, mas ela é principalmente um recurso maroto na conquista de poder político. É preciso abrir mais os olhos para entender de que maneira a preocupação prudente e o medo razoável podem ser manuseados para induzir o desânimo e o pânico. Os que ainda sonham com o legendário abismo que espera o País são os mesmos que sonham ocupar o poder numa nação que eles sabem potencialmente rica, se possível para sempre.